

{ Dossîe

Apresentação: A Hermenêutica e O Barroco na América Latina*

Presentation: Hermeneutics and Baroque in Latin America

DOI: 10.12957/ek.2016.25047

Dra. María José Rossi
majorossi@hotmail.com
Universidad de Buenos Aires,
Argentina | Instituto de Estudios
de América Latina y el Caribe

tradução Dra Rebeca Furtado de Melo
rebecafurtado7@gmail.com
Colégio Pedro II, Brasil

A proposta deste dossiê é articular dois campos aparentemente estranhos entre si: a hermenêutica e o barroco. Esta estranha conjunção —a de um estilo literário e artístico excessivamente condenado, e uma disciplina filosófica desvalorizada como secundária e menor— parece falar por si mesma de nosso próprio destino como latino-americanos. É por isso que, a partir de suas ressonâncias bastardas, os reunimos em um projeto de pesquisa “Texto barroco y hermenéutica en América Latina: hacia una política de la textualidad”, e fizemos desses nós conflitivos o tema das *IV Jornadas de Hermenêutica* celebradas em Buenos Aires em julho de 2015.

A pesquisa, vigente desde 2013, se enquadra nos chamados *Proyectos UBACyT*. Promovidos, acreditados e financiados pela Secretaria de Investigación de Ciencia e Técnica da Universidad de Buenos Aires, esses projetos reúnem docentes-pesquisadores formados, bolsistas e estudantes que se iniciam na investigação, dando-nos a oportunidade de enriquecer os processos de ensino-aprendizagem próprios das casas de altos estudos sob o amparo do Estado. Esse dado merece ser destacado sempre uma vez mais, particularmente em um contexto de cortes progressivos no financiamento da educação pública e da precarização da ação do Estado em certas áreas sensíveis (como a educação e a saúde). A partir da sua emergência nos finais dos anos 90, o programa que promove a formação de equipes de trabalho para a pesquisa universitária em suas diferentes áreas (ciências humanas e sociais e ciências exatas), não apenas confere um marco institucional na formação permanente do docente universitário, mas também, reposiciona a universidade em sua tarefa de produtora (e não mera reprodutora) de conhecimento.

Desta maneira, “Texto barroco y hermenéutica en América Latina: hacia una política de la textualidad” (www.proyectohermeneutica.org) se apresenta como continuidade de projetos anteriores, centrados na hermenêutica como disciplina filosófica orientada à compreensão e interpretação de textos. Em uma primeira etapa, a proposta foi nos voltarmos à hermenêutica para escutar o

*A tradução deste texto foi revisada pela autora.

que seus mestres têm para nos ensinar, tentar reestabelecer a centralidade que, desde os anos 60, soube conquistar em relação ao saber filosófico: um saber que visa se compreender compreendendo, e que interpreta no processo mesmo de interpretar, a si mesmo e aos outros, ao grande Outro, e sempre em relação ao seu próprio tempo histórico.

Ancorada nos textos —compreendidos em um sentido amplo, isto é, não limitado ao registro escrito— essa primeira etapa teve como resultado a publicação de *Relecturas. Claves hermenéuticas para la comprensión de textos filosóficos* (2013). Como se esclarece em sua Introdução, *Relecturas* entende os textos filosóficos como espaço plural, habitado por palavras próprias e alheias, por vozes de alta sonoridades e outras quase inaudíveis. Se as mais altas logram, devido às chamadas interpretações oficiais, impor seus direitos e prerrogativas, as outras não calam. E se por acaso o silêncio prevalece, atordoa porque o silêncio só pode ser intervalo. Por isso há uma batalha. O litígio comunitário se precipita nos textos, sem que um seja reflexo do outro, sem que dele seja condição de possibilidade. Por isso defendemos que as formas de apropriação, de disposição e difusão dos monumentos escriturários implicam em uma política da leitura. No combate das interpretações, o que está em jogo é a produção de sentido, sua domesticação ou sua libertação; a criação de novos imaginários ou o submetimento; o culto que imortaliza ou a prática que intervém para subverter.

Retomando então a amplitude e a centralidade que conferimos à textualidade nesses projetos, nesta segunda etapa focamos o texto barroco latino-americano. Sobretudo, porque consideramos que nossas narrativas (seja as das novelas, dos ensaios ou das poesias) são inseparáveis dos processos que lentamente vêm constituindo nossa identidade, sempre em questão. As palavras são a carne da América e são seu sangue, sua vitalidade, sua morada. Por outro lado, esses processos não são alheios às conjunções e disjunções que, em um sentido semiótico e político, foram produzindo de modo aluvional as capas de sentido que tateamos para nos auto-compreender como latino-americanos. É por isso que o barroco —como expressão e como estilo que conjuga os aspectos mais contraditórios de nós mesmos— se nos oferece como matéria privilegiada a ser interrogada.

Como poder-se-á ver na cartografia que oferecemos (“Cartografias del barroco en América Latina”), o barroco é reconhecido pela maioria dos especialistas de América Latina como um estilo internacional com variantes regionais específicas em todos os campos de expressão. Não se desconhece que seu ponto de partida ocorre nos processos de colonização e descolonialidade de

nossa história: seria ingênuo pretender inscrever sua trajetória em uma pretensa autenticidade de suas origens. Seria cego fazê-lo apenas a partir do ponto de vista do colonizador. A América nasce da colisão dos mundos, emerge de uma ferida. É por isso que as correntes chamadas clássicas seriam insuficientes para dar sentido à identidade-diferença com a qual nos pensamos. Se o barroco europeu nasce na crise do séc. XVII, no momento em que toda referencialidade última está posta em questão —no qual a dúvida em relação à toda certeza, apesar de Descartes, despontam como constituintes de uma consciência que só transitoriamente poderá se considera tribunal inapelável—, nosso próprio barroco se gesta no encontro (e no desencontro) traumático das culturas, isto é, a partir de um craqueamento e uma crise. Mas o barroco assume aqui caracteres próprios. Se no barroco europeu as dobras não abandonam, ao fim e ao cabo, a nervura clássica que suporta o terror da morte, na América essas mesmas dobras se desacoplam de toda direção e de toda harmonia. E com os estertores da morte se celebra a cada vez seu pacto com a vida. Diremos, assim, correndo o risco de simplificar, que o barroco é proliferante e festivo, agônico e corporal.

Os campos de realização do barroco são múltiplos e abarcam desde o literário (poesia, ensaio, dramaturgia e novela), até as artes visuais, música e arquitetura. É óbvio que entre territorialidades (espaço, topografias) e campos, há zonas de contato que não são livres de fricção, dado que o fenômeno dista de se circunscrever ao estético ou artístico para ser, devido as disjunções e antagonismos, político. Vale dizer, estético-político. Artífices de uma espacialidade cujos umbrais e fronteiras custodiam ciosamente, os poderes delimitam o sagrado do profano, o alto do baixo. Traçam deslindes que separam e organizam a vida. O sensível se mostra repartido e, enquanto re-partido, entrelaçado às forças que organizam o espaço social. Deste modo, sem abandonar as alianças que o consagram como a arte moderna por excelência —não havia barroco antes do séc. XVII—, a conjunção de cisma religioso, absolutismo político e arte popular se traduz aqui, na América, em barroco e colonialidade, em barroco e mestiçagem.

Por isso afirmamos, com José Luis Marzo (2010), que o barroco como fenômeno político e estético foi uma das estratégias pelas quais se tentou legitimar a conquista e administrar a memória dos povos. O que, em todo caso, não impediu que se tenha encontrado formas de expressão próprias que escapam à mera repetição, à cópia de modelos estabelecidos ou à legitimação de formas de domínio. O barroco é —como foi dito antecipadamente por Lezama Lima (2014)— a arte da contra-conquista, da descolonização e zombará festivamente dos “originais” (não dos “originários”, ainda que não os tomará por “puros”) fazendo alarde do artifício. A carnavalização e o travestismo formam, assim, parte

de seu *ethos*. Para isso, precisou se reinterpretar e ressignificar a partir de um solo que lhe conferiu uma materialidade própria, contribuindo à gestação de uma hermenêutica singular. Uma hermenêutica que, sem se reduzir ao modelo dialógico e consensual, e sem a pretensão de se erigir na custódia última do sentido, privilegia a tensão do divergente e a interseção impossível dos planos, prestando ouvido ao dissonante. Mas essa hermenêutica não é exterior a essa materialidade significativa. Essa materialidade é interpretante por si: basta submergir nela, deixar-se imbuir de seus conteúdos, para que o olhar se torne retificado e desviado de seus locus habituais. Já não é um olhar que olha a partir da varanda, mas imanente a seus próprios processos. E enquanto tal, contaminado, mestiço.

O barroco latino-americano, em núpcias com a hermenêutica, remeteria assim a um universo habitado por corpos cujas intensidades tornam as fronteiras imprecisas entre as coisas, tendendo à implosão, à descomposição e à recomposição. Corpos nos quais a animalidade dissipa sua auto-compreensão como mero ‘sujeito’, ‘objeto’ ou ‘pessoa’. Esse barroco assim vivido reivindica ser pensado e compreendido a partir de si, demanda sua articulação com seu conceito.

Finalmente, a interseção entre a hermenêutica e o barroco desenquadra a hermenêutica moderna de duas matrizes das quais se encontra firmemente vinculada: de seu status metodológico (Schleiermacher, Betti), e de sua redução ao modelo dialógico (Gadamer, Habermas). Ricoeur promove seu deslize ao estruturalismo e à semiótica, trazendo ao primeiro plano a noção de texto. O pós-estruturalismo, e em particular Lacan, incorporam a imago ampliando os limites do texto, que já não se reduz a seu status escritural; propondo por sua vez a noção de um vazio gerador, condição de possibilidade da metonímia que o desaloja. É por isso que a disciplina filosófica consagrada à interpretação e ao âmbito do sentido, cumpre, para nós, com sua tarefa, se renuncia a se pensar a partir da simples exterioridade, se re-significa (re-signa) sua vocação “aplicativa”, e se recusa a se converter em garantia de um diálogo edificante “entre las partes” que ignore o litígio e a controvérsia. Tampouco se trata de reificar a textualidade. O que a ela lhe compete —cremos— é assumir o lugar do terceiro, o do entre: entre autor, leitor, texto; entre interlocutores, entre os diferentes tecidos textuais. O “entre” é a vida que se filtra, é o “se” impessoal, é a enredadeira do barroco, é o laço que constitui comunidade.

O barroco latino-americano é esse excesso que junta o impossível sem que se confunda nele, porque os planos permanecem em sua diferença irreduzível. Como “entre” é o nós. Está, portanto, alojado na imanência dos textos, porque não é olho onisciente, nem se limita a ter experiências, mas, ao contrário, que

força o desalojo e o desdobramento que lhe permite essa classe de compreensão que articula, que gera nexos, que batalha contra o entendimento que solidifica, fixa e separa. O barroco latino-americano é proliferante porque aposta na dimensão vital da existência. É incômodo, incapturável, barroso. E, como toda morada, acolhedor e inquietante ao mesmo tempo.

Reunimos neste dossiê os trabalhos de alguns integrantes de nossa equipe, e somamos as contribuições de especialistas que há tempo interrogam nossos textos barrocos, e que aportam neste caso seu olhar singular a partir de suas respectivas perspectivas de análise: Roberto Echavarren, Adrián Cangi, Facundo Ruiz, Luciano Lutereau. Agradecemos a la Prof. Rebeca Furtado a possibilidade de colaborar com este dossiê, e convidamos aos especialistas e pesquisadores do Brasil —precursores na matéria que estamos investigando, desde Haroldo de Campos até Irlemar Chiampi e Affonso Ávila — e de outros países da região, a prosseguir este entramado plural a que a filosofia, a literatura e las artes nos convocam.

Recebido em: 03.01.2016 Aprovado em: 02.03.2016

{ Referência Bibliográfica

LEZAMA LIMA, José (2014) *Ensayos barrocos*. Buenos Aires: Colihue.

MARZO, José Luis (2010) *La memoria administrada*. Buenos Aires: Katz.

ROSSI, María José, Bertorello, Adrián (Comp.) (2013) *Relecturas. Claves hermenéuticas para la comprensión de textos filosóficos*. Buenos Aires: Eudeba.